

VALADARES: UM ESTUDO DE CASO SOBRE ELEMENTOS DA CONFIGURAÇÃO SOCIAL DA ILHA

VALADARES: A CASE STUDY ON THE ELEMENTS OF THE SOCIAL CONFIGURATION OF VALADARES ISLAND

Eveline Tenório Mendes¹
Antonio Marcio Haliski²

Resumo

Esta pesquisa visa apresentar elementos da configuração social da Ilha dos Valadares. Localizada em Paranaguá, litoral do Paraná, na margem direita do rio Itiberê, mantém uma relação de mediação com a cidade de Paranaguá e com diversos núcleos de povoamento dispersos em formas de sítios no seu entorno. Como opção teoria-metodológica, abordaremos a Ilha como resultante de uma comunidade e os sujeitos que dela fazem parte, como caiçara. Para tanto, vivências e entrevistas são desenvolvidas para melhor compreensão desta realidade socioambiental. Isto porque as transformações dos espaços rurais e urbanos têm mudado intensamente suas relações sociais e culturais e a falta de políticas públicas e planejamento não têm conseguido manter o controle da ocupação desordenada deste espaço, que acontece de forma aleatória. A preocupação com estas transformações promoveu o desenvolvimento deste trabalho, que tem por finalidade verificar elementos da identidade local e espacial a partir de seu cotidiano, ou seja, evidenciar o que muda e principalmente o que permanece nesta cultura, tendo como base o processo de formação social na ilha e suas modificações atuais.

Palavras-chave: Ilha dos Valadares; Caiçara; Comunidade.

Abstract

This research aims to present the elements of the social configuration of Valadares Island. Valadares is located in Paranaguá, on the coast of Paraná, on the right bank of Itiberê river, and it interacts with the city of Paranaguá and with several population groups distributed in sites in its surroundings. We consider as a theoretical and methodological assumption that Valadares is the result of a community and the residents of the island are the "caiçaras". Therefore, aiming to achieve a better understanding of the social environmental reality, experiences and interviews have been held. The transformation suffered by rural and urban areas have deeply changed their social and cultural relations and the lack of public policies and planning are factors that have contributed to the growth of uncontrolled occupation of this area which occurs randomly. Our concern about those transformations motivated the development of this research whose purpose is to examine the elements of the local and spatial identity observing the daily lives of the people who live in Valadares in order to demonstrate what changes, and mainly what remains from this culture, based on the process of social formation on the island and its current transformations.

Keywords: Valadares Island; Caiçara, Community.

Artigo Científico: Recebido em 29/03/2017 – Aprovado em 31/08/2017

¹ Graduada em Ciências Sociais pelo Instituto Federal do Paraná (IFPR-Campus Paranaguá). e-mail: eve.cienciassociais@gmail.com (autor correspondente)

² Graduado em Geografia pela Universidade do Estado do Paraná (Unespar), Doutor em Sociologia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Professor do Curso de Ciências Sociais do IFPR. e-mail: antonio.haliski@ifpr.edu.br

1 Introdução

A Ilha dos Valadares localiza-se na baía de Paranaguá, litoral do Paraná (Figura 1), suas terras pertencem a União e possui aproximadamente 4,1 Km². Até a década de 1990 ela só podia ser alcançada por embarcações, por ser separada por uma distância aproximada de 400m do continente pelos rios Itiberê e Correias. Possui uma passarela que liga à cidade de Paranaguá e passou a ser reconhecida pela Prefeitura como um bairro periférico, o maior bairro populacional do município.

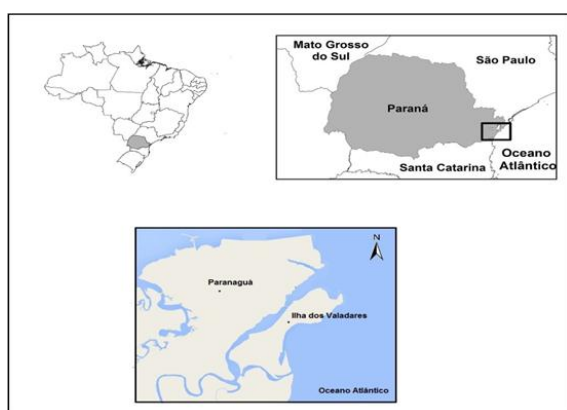


Figura 1 - Localização da Ilha dos Valadares, Paranaguá/Pr.

Fonte: Oliveira, Adriano, Scuguglia (2014).

Como opção teoria-metodológica, trataremos o grupo de moradores da Ilha dos Valadares como uma comunidade e os sujeitos que dela fazem parte como caiçara. Esta escolha conceitual parte do contexto estudado e observado, pois é possível identificar várias denominações tecidas pelos próprios sujeitos e entidades governamentais e não governamentais que interagem diretamente ou indiretamente com esses sujeitos. Para entendermos a realidade local lançamos mão da pesquisa participante e de narrativas que foram incorporados a pesquisa, bem como livros de autores clássicos e regionais.

Assim objetivamos compreender e a mesmo tempo expor o que entendemos como elementos de figuração o configuração social da Ilha, ou seja, sua formação social e os laços (afetivos, de organização etc.) que se estabelecem na comunidade.

2 Percurso da Pesquisa

Segundo Diegues (2004), entende-se por caiçara as comunidades formadas pela mescla da contribuição étnico-cultural dos indígenas, dos colonizadores portugueses e, em menor grau, dos escravos africanos. Por isso eles apresentam uma forma de vida baseada em atividades de agricultura itinerante, da pequena pesca, do extrativismo vegetal e do artesanato.

Entender esse modo de vida é fundamental, pois como afirma Diegues,

As comunidades caiçaras passaram chamar a atenção de pesquisadores e de órgãos governamentais mais recentemente em virtude das ameaças cada vez maiores à sua sobrevivência material e cultural e pela contribuição histórica que essas populações têm dado à conservação da biodiversidade, por meio do conhecimento sobre a fauna e a flora e os sistemas tradicionais de manejo dos recursos naturais de que dispõem. Essa comunidade encontra-se hoje ameaçada em sua sobrevivência física e material por uma série de processos e fatores. (DIEGUES, 2004, p. 10).

Ao analisar o objeto de pesquisa nota-se as transformações ocorridas ao longo das gerações, isso por meio do fluxo de idas e vindas de pessoas, bem como intervenção de atores externos que adentraram significativamente na comunidade. De acordo com Elias e Scotson (2000), a mudança social é uma característica marcante da sociedade que experimenta processos sociais em constante movimento.

Delimitado o problema e estabelecidos os objetivos do texto, faremos uma abordagem qualitativa, pois a natureza da pesquisa social é complexa, implica em relações humanas e, portanto, é carregada de subjetividade.

Para uma melhor compreensão do processo vivido na formação inicial desta comunidade de Valadares e para chegarmos até os dias atuais, realizamos um estudo teórico dos trabalhos publicados por autores que se dedicaram a fim de desvelar fenômenos sobre as particularidades que constitui uma realidade cuja configuração é evidenciada a partir das relações que envolvem uma densa teia social. Teia tecida cotidianamente, através dos tipos de laços estabelecidos entre “indivíduos” e “sociedade”, as famílias e as atividades laborais,

criando uma rede particular de interdependência entre eles. Assim, passamos por textos e livros de autores como Diegues (2004), Giddens (2002), Elias Elias e Scotson (2000), Elias (2006), Hall (2014), entre outros, a fim de uma aproximação maior com o tema.

Buscamos também fazer um levantamento histórico da Ilha por meio de artigos, monografia e teses que já foram escritas sobre a mesma, assim como o levantamento de dados através do Instituto Histórico e Geográfico de Paranaguá, Prefeitura e instituições oficiais como o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Para compreender a realidade empírica que cerca esta comunidade caiçara, bem como o significado que o sujeito dá a sua ação individual e coletiva, recorreremos a duas ferramentas metodológicas que se completam: a) para a coleta de dados locais utilizamos a observação participante; b) seguido da história oral, pois temos por objetivo explicar os fenômenos observados.

A pesquisa de campo ocorreu durante 12 meses (de fevereiro de 2016 a fevereiro de 2017). Os primeiros momentos foram para observar a paisagem e o reconhecimento do espaço territorial e como esse se constitui e se configura a partir de diferentes práticas sociais. Participamos de algumas atividades como: campeonato de futebol, ensaio de carnaval, missas religiosas, procissão, festas religiosas, festas de aniversários, rodas de fandango e encontros de amigos na residência de alguns entrevistados.

Após a primeira etapa onde buscamos reconhecer o território com a intenção de desnaturalizá-lo, entramos na segunda para selecionarmos moradores com mais tempo no lugar, com o objetivo de fazer um levantamento da população mais antiga oriunda de outras ilhas no entorno de Paranaguá e de moradores que nasceram na ilha durante a década de 40 até 60.

Para obter esses dados frequentamos a única praça¹ (Cyro Abalem), localizada em frete a passarela e que é um ponto estratégico para a comunidade visualizar a cidade Paranaguá, pois sua localização privilegia a vista para o centro histórico e praça de eventos (Praça 29 de Julho) do outro lado do rio Itiberê.

Próximo a passarela e a praça há um mercado de peixe, ali todos os dias encontram-se muitos pescadores. A praça e o mercado de peixe foram os locais mais importantes para obtermos as informações necessárias á pesquisa. Passando para a próxima etapa de campo, utilizamos a metodologia da história oral. Contamos com a colaboração de duas famílias tradicionais da Ilha, a família Damasceno (oriunda da Ilha das Peças) e a família Crispim (oriunda da Ilha do Mel), ambas abriram e cederam seus arquivos de imagens e teceram longas narrativas sobre a Ilha dos Valadares e suas experiências de vida. Segundo narrativas dos entrevistados, existe na Ilha algo em torno de trinta famílias tradicionais oriundas de outras Ilhas que permanecem com atividades econômicas e culturais como a pesca artesanal, artesanato e roça.

Dada a quantidade de sujeitos a serem pesquisados, optou-se pela utilização do questionário semi-estruturado como instrumento de coleta de dados. No entanto, durante a pesquisa os questionários forma descartados, pois em uma das entrevistas o morador ficou constrangido ao “assiná-lo” e responder as perguntas, pois este era analfabeto. Assim, para não causar nenhum constrangimento para outros entrevistados optamos por descartar os questionários. Foram realizadas 13 entrevistas gravadas e os entrevistados foram selecionadas a partir do critério de idade e por terem nascido na Ilha ou entorno (os chamados de “filho da Ilha” nasceram na Ilha dos Valadares por parteira e residem no local até os dias atuais ou são oriundos de outras Ilhas próximas) (Quadro 1).

A realização deste trabalho oportunizou compreendermos a configuração social existente e identificarmos as relações socioculturais estabelecidas e suas representações ricas de valores simbólicos dentro de um universo complexo, ou seja, de uma comunidade caiçara.

Para Diegues (2004) a migração do caiçara para a cidade provocou uma mudança no modelo cultural afetando o seu modo de vida “caiçara”. No entanto, Giddens (2002) aponta que as identidades sociais dos indivíduos nas sociedades tradicionais são limitadas pela tradição, sendo a modernidade a causa do rompimento de valores e normas preestabelecidas, determinado pela ordem pós-tradicional que traz consigo uma crescente

individualidade oferecendo ao indivíduo uma identidade móvel, ou seja, mutável.

Quadro 1 - Perfil dos Entrevistados

Morador	Idade	Origem	Trabalho
M1	66	“Filho da Ilha”	Pescador
M2	53	Guaraqueçaba	Pescador
M3	59	“Filho da Ilha”	Funcionário Público
M4	65	Rio dos Correia	Autônoma
M5	66	“Filho da Ilha”	Portuário
M6	67	“Filho da Ilha”	Autônomo
M7	58	Ilha das Peças	Portuário
M8		Salto do Morato	Artesanato
M9	65	Maciel	Pescador
M10	60	“Filho da Ilha”	Empresa Privada
M12	66	“Filho da Ilha”	Comércio
M13	70	Ilha do Mel	Portuário
M14	67	Tibicanga	Autônoma

Fonte: Os autores

Essa mudança ou o início de uma transição de modos de vidas rurais para urbanos, estabeleceu uma relação direta como se a Ilha fosse uma extensão da cidade de Paranaguá e o contato permanente com o continente e o acesso a aos meios de comunicação, contribuíram para a sua modificação sociocultural e espacial. Portanto, se faz necessário compreender as consequências desta modernidade que vem deslocando as estruturas sociais, abalando a vida do indivíduo, a sua identidade cultural e o sentimento de pertencimento a culturas étnicas raciais (HALL, 2014). Isso tudo passa a ser ressignificado mas não no sentido de falarmos do fim do caiçara, muito pelo contrário, estamos falando do caiçara e suas práticas neste contexto. Enfim, ser caiçara representa, dentre tantas coisas, resistir num contexto de alta modernidade.

3 Valadares: aspectos e origens, modo de vida e identidade caiçara

Sendo pobres, iletrados em sua maioria, moradores da periferia, das periferias do mundo colonial, quase toda a história destes agricultores-pescadores humildes não foi registrada, nem por eles, nem por seus dominantes. E justamente aí reside a grande dificuldade e o grande desafio de se pretender fazer a história dos vencidos, dos povos ‘sem história’. (MARCÍLIO, 2006, p.18)

Estudar a configuração social de uma comunidade significa compreender o modo de sua vida em um determinado espaço territorial permitindo ao pesquisador analisar a trama de relações do indivíduo com a sociedade e como essas inter-relações socioculturais são compartilhadas e como os conhecimentos são transmitidos de uma geração a outra.

O uso de uma pequena unidade social como foco da investigação de problemas igualmente encontráveis numa grande variedade de unidades sociais, maiores e mais diferenciadas, possibilita a exploração desses problemas com uma minúcia considerável-microscopicamente. (ELIAS; SCOTSON, 2000, p.20).

A ocupação das Ilhas em torno da Baía de Paranaguá se deu por volta de 1550 e 1560, com a migração de famílias vinda da Vila São Vicente e Cananéia, e elas se estabeleceram na Ilha da Cotinha com o propósito de encontrar ouro. Encontraram na Ilha os nativos indígenas e estes ocupavam expressivamente toda a costa do litoral brasileiro. A partir daí estabeleceram uma relação de domínio, impondo sobre o nativo sua força. Como a terra era fértil para o plantio, permaneceram cultivando o mínimo de produtos para garantia da sobrevivência, além da exploração dos recursos do mar.

Como a Vila de Nossa Senhora de Paranaguá estava no auge do ciclo do ouro, muitas foram às migrações neste período, não só de pessoas vindo de outros lugares em busca de riqueza como de navios negreiros para trabalhar na exploração aurífera.

O ciclo do ouro em Paranaguá teve o privilégio do pioneirismo. Dali saiu às primeiras remessas de ouro para o Reino de Portugal. Na época das Capitâneas foi nomeado pelo Donatário, para governar, fortificar e preparar a defesa de Paranaguá, um capitão povoador de nome Gabriel de Lara, homem de visão e de espírito progressista, que logo tomou as providências necessárias, sendo que a primeira foi conseguir a ereção do pelourinho, símbolo da autoridade real, que se realizou em seis de janeiro de 1646. (CONSENTINO, 1982, p.6).

Este período ficou marcado como o auge da expansão do mercado consumidor, levando a Vila de Nossa Senhora de Paranaguá o desejo de se tornar independente, tendo seu próprio governador. Em 1853, Paranaguá deixa de ser província de São Paulo.

Verificamos que no século XIX nenhuma pessoa ou família com o nome Valadares contemplava a lista dos notáveis ou escravos, mas temos uma pista através de relatos de moradores mais antigos que nos indicam que no século XVIII pessoas habitavam esta localidade, a família Valadares, e que ali existia um comércio de escravos. Com a suspensão do tráfico negreiro após 1830, a família Valadares, que comercializava escravos, sai da ilha deixando apenas o nome para mesma - Ilha dos Valadares.

Segundo Felisbino e Abrahão (2012), por volta de 1820 também vivia na Ilha o Padre Antonio Gonçalves de Belém e após a sua morte o sítio onde ele residia passou a ser utilizado como depósito de pólvora. Neste período estava ocorrendo à Guerra da Cisplatina e logo após a Ilha dos Valadares volta à situação de abandono e fica restrita a residência de pescadores e trabalhadores braçais.

Durante esse período havia poucas ocupações e uma vasta e densa vegetação exuberante com apenas alguns pontos branco, provavelmente de residências não muito próximas umas das outras (FELISBINO; ABRAHÃO, 2012). A Ilha não contava com nenhum benefício do serviço público, as pessoas que ali moravam não dispunham de luz elétrica e rede de água ou esgoto, somente em 1971 ela passou a ser contemplada pelo recursos do programa de auxílio aos carentes, para o financiamento de caixas e postes de luz, através do Banco Interamericano de Desenvolvimento — BIRD e em 1975 foi inaugurado o sistema de abastecimento de água (CONSENTINO, 1982).

Embora a Ilha não pertença ao Município de Paranaguá e sim ao domínio da União (Governo Federal), desde 1966 gestores elaboram projetos de urbanização que nunca chegaram a sair do papel, alegando para a população que os projetos não poderiam ser executados pelo fato de que a Ilha não pertencia ao município.

3.1 Dilemas em torno do índio

Na escola, quando fui estudar lá no ginásio, sempre tinha aquela piadinha, índio, caboclinho... anda rápido se não vai perder a canoa, o barco, eu sempre tinha que sair antes para não perder a barca e quando perdia tinha que vir nadando. (M10, 60 anos, “Filho da Ilha”).

A História das pessoas que vivem na ilha do Valadares já foi tema de muitos trabalhos acadêmicos, muitos deles caracterizam a ilha como um lugar onde vivem pessoas que possuem um modo de vida caíçara pelo fato de manterem uma relação muito forte com a natureza e atividades reconhecidas como tradicionais, ou seja, práticas da dança do fandango que resiste a várias gerações e outras atividades como a pesca e artesanato, bem como os mitos e simbologias que emergem dentro dessa cultura.

Neste sentido, ao falar de comunidades tradicionais, fala-se previamente de nomeação identitária, criadas a partir de uma característica social, cultural, econômica, ideológica e ecológica específica, que distinguem essa sociedade e os sujeitos que fazem parte dela. Elias e Scotson fazem uma reflexão singular contribuindo para desvelar as relações de poder que geram todo o tipo exclusão, violência, preconceito e estigma. Existe uma tendência a discutir o problema do estigma como se ele fosse uma simples questão de pessoas que demonstram individualmente um despreço acentuado por outras pessoas como indivíduos. (ELIAS; SCOTSON, 2000).

Valadares era um dos bairros menos conhecido de Paranaguá, e muitos velhos Paranguaras nunca haviam colocado os pés na Ilha. O mundo do indiferentismo de uns habitantes pelos outros, que não se estimam porque não se conhecem [...] Incrível mais verdadeiro: A maioria dos parananguara da cidade não dá pela existência da Ilha. Não conhece e nem se interessa por conhecê-la (FELISBINO; ABRAHÃO, 2012, p.8).

Segundo relatos dos moradores da comunidade, a Ilha dos Valadares era pouco visitada, pois o lugar era visto como um bairro perigoso, muitos deles mencionaram que havia muita rivalidade nos campeonatos de futebol e sempre surgiam brigas no final do jogo (esses eram alguns dos momentos que os moradores do continente iam a Ilha dos Valadares para participarem do campeonato).

O futebol fechava o tempo de pancada mesmo, tinha uma rivalidade grande era bonito de ver as meninas iam para assistir... a mulherada que fazia o agito na beira do campo quase se pegavam lá também faziam correr a turma. (M13, 70 anos, Ilha do Mel).

É possível perceber, através da narrativa acima, que os moradores da Ilha participavam e quanto para

eles esse acontecimento era importante, pois mobilizava toda a comunidade. As tensões e conflitos que ocorriam durante o campeonato acabaram virando motivo de piadas e brincadeiras por parte da população do continente.

Os moradores da Ilha dos Valadares passaram a ser chamados de “índio”, maneira como as pessoas do lado de lá da ponte se referiam a eles, causando estigma (como atrasado, sujo, e perigoso).

Outro fato curioso é que nesse mesmo período, durante o carnaval havia na Ilha um bloco carnavalesco chamado os Carijós e seus membros se caracterizavam de índio e desfilavam na avenida em Paranaguá com outros blocos da cidade.

O grupo parou de sair em 1985, por aí, nós fizemos uma caravela, só saía índio, o pessoal já tinha aquela cara de índio, feição de índio e ainda ficava de índio, bem índio mesmo por isso o pessoal chamava de índio, chama até hoje de índio (risos) porque ficava bem caracterizado mesmo tinha até feiticeiro. (M12, 67 anos, “Filho da Ilha”).

A maioria dos entrevistados que falaram sobre o carnaval empolgavam-se, pois o carnaval era a festa mais esperada durante o ano todo e a comunidade mobilizava-se para preparar e apresentar o melhor desfile.

Em 2012 o escultor Deocir Gomes dos Santos “filho da Ilha”, produziu uma estátua do índio carijó, a pedido da prefeitura, para fazer uma homenagem aos moradores. A intenção era a promoção e valorização da cultura não só da ilha, como também dos parnanguaras e paranaensesⁱⁱ. A estátua seria uma forma de registrar a presença dessa tribo no Litoral.

Essa situação de atribuir uma identidade ao povo da ilha “a de índio” gerou muitos desentendimentos, pois a história dessa nomenclatura esta associada localmente a termos pejorativos. Certamente isso foi o motivo da depreção da escultura, ou seja, uma negação a uma imposição identitária. Segundo relatos dos moradores entrevistados, houve muita discussão e divergência sobre a instalação da estátua. Alguns dos entrevistados não acharam ofensiva a homenagem feita através dela, pelo contrario, gostaram porque compreendiam todo o processo de colonização do litoral e não viam nenhum problema em ser homenageado com uma imagem dos seus antepassados.

Eu não vejo problema nenhum é que as pessoas vêem o índio de forma pejorativa sempre que tem um gesto, ou um modo de expressão, ou de vestuário, considerado fora dos padrões urbanos as pessoas são chamadas de índio, como muitos de nós aqui da ilha somos chamados de índio, pelo modo simples de viver tendo como meio de transporte principal o barco (canoa) sem energia elétrica, sem água tratada, sempre de chinelo ou descalço, roupas não padronizadas e comidas típicas como biju, peixe seco, farinha de mandioca. (M10, 60 anos “Filho da Ilha”).

Por outro lado, os entrevistados mais velhos mostravam em suas falas certo repúdio a estátua, alegando que seria mais interessante que fosse esculpido um pescador com um barco segurando um remo e uma rede de pesca.

Que ideia dessa gente querer colocar um índio na praça, a gente não é índio já chamam a gente de índio daí que a gente ia virar gozação de uma vez, se colocasse um pescador daí sim porque a gente pescava, gosta de pescar nossos pais e avós pescavam agora não. (M14, 69 anos, Tibicanga).

A estátua não existe mais e segundo os moradores ela foi quebrada por vândalos durante a noite, por conta das queixas sobre ela. Essa marginalização e degradação da cultura tradicional podem ser consideradas consequências de fatores externos da ação da sociedade urbana. Todos esses fatos levantados nas narrativas dos entrevistados simbolizam o fato de que é possível estigmatizar um grupo social.

3.2 Uma volta ao tempo antigo

A Ilha lugar onde nasci, cresci, tive grandes amigos
Aqui eu aprendi a nadar, empinar pipa, jogar futebol...
Aqui que convivi com os meus pais, irmãos, tios primos e sobrinhos
Aprendi viver sem energia elétrica
Aprendi viver sem água tratada
Aprendi a respeitar o próximo
Aprendi a conviver com o ‘simples’
Foi na ilha que eu aprendi os meus valores
Foi na ilha que eu aprendi a respeitar a natureza
Foi na ilha que eu vivi os meus sessenta anos
Foi na ilha que eu aprendi a sonhar. (M10, 60anos, “Filho da Ilha”).

Na fala acima o entrevistado exprime um sentimento de pertencimento ao lugar onde nasceu

revelando assim sua identidade. Assim como o senhor Evaldo outros entrevistados também se referiam a Ilha como um lugar bom de viver no passado.

Temos um momento em que o modo de vida simples das pessoas que viveram na Ilha predominava. Ainda não existia água encanada, luz e passarela. Em um tempo onde as casas não tinham muro e as crianças brincavam na rua porque não havia carro. Muitos moradores reclamam da violência e do barulho que a ilha apresenta, mas ainda assim, dizem que não desejam sair dela. Na prática, o que temos é uma modificação de hábitos e costumes que sofrem múltiplas influências e tudo isso tem como uma das consequências a urbanização.

No período entre 1930 a 2012, a Ilha dos Valadares sofreu um aumento significativo do adensamento populacional, transformando toda a paisagem que apresentava uma extensão vegetação extremamente rica. A falta de planejamento habitacional levou ao desmatamento e grande parte da área verde existente na década de 1930 veio a desaparecer causando danos não só ao meio ambiente, como alterando significativamente a vida da população tradicional existente.

Naquele tempo à Ilha só tinha um carreirinho uma caminhozinho você ia andando e aparando com a mão pra abrir o caminho e água vinha na canelinha e não tinha nada disso que tem hoje, não tinha água, não tinha luz era uma casinha ali ou lá, não tinha esse montão de casa igual hoje, os quintais eram grandes tinha bastante plantação era cheia de arvoredo, depois veio vindo os parentes dos sítios os conhecidos foram pegando um pedaço de terra ali outro lá, os filho da gente vai casando e aí a gente da um pedaço de terra pra um pra outro hoje eu nem tenho mais um pedacinho de terra pra plantar porque eu tive dezesseis filhos já reparti tudo alguns já até venderam. (M4, 65 anos, Rio dos Correias).

Quando vim pra cá, eu tinha uns vinte anos já, lá era muito difícil a vida, eu pescava com meu irmão, mais ai eu casei tive uma filho e vim pra cá, eu tinha amigos aqui já de lá e parente também, í aqui tinha bastante terra eu peguei um pedaço e construí uma casinha de madeira tive nove filhos trabalhava na construção civil e na pesca e pegava siri uma ostra pra complementar a renda, depois veio meus pais meus irmão, mais ficou parente lá ainda de vez em quando vou pra lá, minha mulher gosta muito de lá e eu também. No

passado era muito melhor aqui, tinha muita árvore, não tinha muita casa naquela época, não tinha essa violência, era muito bom, a maioria era do sítio e a gente conhecia todo mundo, era acostumado a trabalhar, hoje ficou melhor pra quem tem dinheiro, hoje acabou o sossego, a gente deixava a canoa, batera as redes tudo no porto, ninguém mexia hoje deus o livre. (M9, 65 anos, Maciel).

Algumas famílias tradicionais conservam seus quintais, cultivando hortaliças, frutas, criação de animais de pequeno porte, mas a maioria não. Outros acabaram vendendo suas terras ou acabaram cedendo para filhos ou parentes sitiantes que vem de outras Ilhas.

Antigamente era mais tranquilo não é igual hoje... antes a gente conhecia todo mundo também não tinha essa muralhada que tem hoje que a gente nem vê a cara do vizinho, antigamente as casas era de cerca viva a gente passava por dentro da casa do vizinho e daí sempre tinha aquela prosa, um respeitava o outro, o que um não tinha o outro emprestava, um ajudava o outro agora a gente não conhece mais ninguém nessa Ilha, nos quintal ninguém mexia, agora não da pra deixar nada pra fora, muita violência, esse jovem se mete com essa coisa que não deve, não querem trabalhar, estudar, não querem fazer nada. Naquela época era muito melhor, nas condições hoje ta melhor pra quem tem dinheiro. Eu já lidei muito na roça, onde eu moro hoje não tenho muito quintal só um pé de banana. (M2, 53 anos, Guaraqueçaba).

A influência da pressão dos fatores externos como a busca do trabalho na área portuária, construção civil e comércio elevaram nesses últimos vinte anos o número da população local, deixando sobre o território muitas marcas. Isto ocorre porque as pessoas que vem para o litoral em busca de empregos, acabam se instalando em áreas periféricas, como é o caso de Valadares.

No entanto, independente das influências e da pressão exercida por esses fatores, a comunidade “mais antiga” ainda preserva traços que definem sua população como tradicional, embora seja observada uma drástica diminuição dos plantios e da pesca nos dias atuais.

As primeiras transformações das estruturas naturais da Ilha foram promovidas pelas ocupações iniciais de sitiantes que viviam em torno da Baía de Paranaguá que vieram em busca de melhores condições de vida e trouxeram consigo os seus saberes. Desse modo, podemos vivenciar os espaços

hoje criados, que permitem nos remetermos à época em que foram ocupados.

Esta ocupação se caracterizou por dois tipos de assentamentos: o primeiro como núcleo pesqueiro, localizados à beira mar, e o segundo com ocupações lineares que localizavam-se ao longo dos caminhos que se estendiam aos núcleos pesqueiros.

Antigamente pra gente ir lá do outro lado só de batera a remo aí depois veio à lancha, mais a gente usava mais a batera porque a gente tinha sempre um barquinho pra pescar ou ia de batera mesmo porque era mais barato. (M1, 66 anos, “Filho da Ilha”).

Verificamos diferentes formas de apropriação do espaço, como veremos mais adiante.

3.3 Valadares no tempo de hoje

De acordo com o censo estatístico IBGE (2010) a população da Ilha possuía em 1980 cerca de 4.340 habitantes distribuídos em 836 prédios domiciliares e hoje conta com aproximadamente 12.834 habitantes e 3.859 domicílios.

Conforme os dados apresentados, verificamos o aumento significativo da população gerando uma nova configuração local.

Na Ilha dos Valadares com o passar dos tempos, podemos dizer que tivemos melhorias, hoje temos posto de saúde, locomoção rápida para chegar ao centro de Paranaguá, variedades de comércio, energia elétrica, água tratada, escola, com a melhoria vieram às preocupações com os barulhos de automóveis, diminuição da área verde, inundações de algumas áreas, onde houve acúmulo de residência, passamos a ter problemas com a segurança dos moradores, assaltos, roubos, drogas mesmo assim ainda é um lugar bom pra se viver porque você já se acostumou com o lugar, muito tempo vivendo aqui. (M7, 58 anos, Ilha das Peças).

A Ilha possui maiores aglomerações de pessoas em: Vila Nova, Vila Canarinho, Vila do Rocio, Viveiro, Mangue seco, Beco do Óleo. Anterior a isso, ela era dividida somente em “três bairros”: Itiberê, a Vila Bela e o 7 de Setembro. As casas não possuem número de identificação, elas são identificadas pelo número da rua; também encontramos instituições como escolas (7 no total), sendo três municipais, duas particulares e uma estadual, quatro creches, sendo três municipais, uma

particular e uma filantrópica, uma associação de moradores, uma Administração Regional, uma agência de correios, um posto de polícia militar, uma praça, três postos de saúde, um cemitério, um lixão, cinco campos bairro e um mercado de peixe na cabeceira da ponte e vários comércios de porte pequeno que já não são suficientes para atender a demanda local.

O acesso a Ilha pode ser feito pela passarela, por bateras e pela balsa (uso exclusivo para automóveis e veículos pesados). A primeira balsa foi construída pelo setor público na Gestão do prefeito Carlos Antonio Tortato com a finalidade de agilizar o processo de urbanização da Ilha, neste primeiro momento a balsa era exclusivamente usada pelo setor público. A balsa e o funcionamento dela é realizado por uma empresa privada que cobra pelo serviço prestado. Há muitas queixas dos moradores quanto aos preços abusivos da taxa cobrada, como também pelo horário reduzido de suas atividades, seu barulho, precarização e do seu ancoradouro, por isso já foi alvo de inúmeros protestos.

Na gestão posterior no primeiro mandato do prefeito Mário Roque das Dores foi construído a primeira praça da Ilha. Leva o nome de Cyro Abalem em homenagem a um morador muito antigo. Ela possui uma estátua de um homem tocando viola em homenagem aos Fandangueiros.

Ali é o local de encontro dos moradores mais antigos e dos jovens, os mais antigos vêm à praça pela manhã para ler um jornal, comprar um peixe, e saber das novidades locais. Já os jovens frequentam no período da noite.

Anterior à praça em 1953, existia no local uma escola de madeira. A escola foi construída na mesma vila, no lugar onde exista o campo do Vila Bela. Com a construção do colégio, o time da Vila Bela foi desfeito, pois este perdera o campo, local de muitos torneios. O colégio foi inaugurado em 1973. Neste mesmo contexto foi criado a associação de Moradores na Ilha dos Valadares em 1979, com o objetivo de controlar as ocupações irregulares. Para isso foi nomeado um administrador pela Capitania dos Portos, chamado de inspetor de bairro, ficando responsável de passar informações para a administração pública (BRUSTOLIN, 2015).

As igrejas sempre foram espaços de socialização importantes nas comunidades. Segundo os

entrevistados, a primeira igreja construída foi a de “Nossa Senhora dos Navegantes” e com o passar dos anos foram surgindo outras igrejas neopentecostais.

A Ilha possui rede de abastecimento de água potável, fornecimento de energia elétrica e iluminação pública, mas há falta constante de água e por isso os moradores acabam fazendo poços artesianos. Não há tratamento de esgoto e as casas possuem fossa séptica ou esgoto a céu aberto ou muitos deles seguem pela tubulação com destino ao mar sem nenhum tratamento. Vale destacar que Valadares possui um rico ecossistema de manguezais.

Desse modo, podemos afirmar que a Ilha trata-se de um território descontínuo e que revela práticas diferenciadas de seus moradores.

Antigamente as casas eram de madeira de cerca viva com um caminho pra passar, pouco comércio, agora não, tá tudo diferente a maioria das casas tudo de alvenaria com muro alto, as ruas largas mais tem bastante beco porque a gente construía em qualquer lugar só deixava um caminho, não tinha carro quando que a gente ia pensa que a Ilha ia vira isso que virou agora. (M3, 59 anos, “Filho da Ilha”).

Aqui na frente agora praticamente virou tudo comércio a grande maioria dos proprietários vieram ontem pra cá, morador antigo mesmo tem pouco, aqui na frente tão tudo lá pra trás [...] a gente não tinha essa ganância a gente só queria um pedacinho de terra pra plantar e criar os filhos. (M2, 53 anos, Guaraqueçaba).

A maioria das casas são de alvenaria com muros e portões, com ruas largas e pavimentadas. De acordo com os entrevistados, a Vila Bela foi a que sofreu maior impacto de urbanização, por estar localizada na parte central e mais próxima da passarela, quase todos os serviços públicos essenciais se encontram nesse espaço. Através desse panorama podemos constatar que a ilha sofreu um processo de modificação em sua estrutura. O efeito do processo de transformação da paisagem e da ocupação desordenada do território ocorreu lentamente e foi aprofundando-se no século XX, a partir da década de 90.

4 A relação entre a cultura e o modo de vida caiçara

Até agora sonho que vivo naquele lugar que de tão bom que era tinha bastante árvore...

Hoje é muita gente que mora aqui na Ilha tem muita gente que a gente nem conhece, antigamente a gente conhecia todo mundo. (M8, 65anos, Salto do Morato).

Toda a noite eu ia tarrafeiar, pra comer o outro dia, aprendi desde pequeno com meu pai, meu pai também tarrafeava toda noite lá do mar de lá... vou contar uma história pra vocês que eu não me esqueço até hoje... subi lá no falecido Jorge Batista três horas da manhã, quando eu voltei, voltei lá pelo campo, lá pelo finado Jaci. Nesse dia eu me lembro, nunca esqueci, matei 150 parati gostei e gosto de tarrafeiar. (M13, 70 anos, Ilha do Mel).

A cultura está relacionada ao tempo, a comunicação, a vida social e qualidade acumulativa ao longo da vida permitindo que as ideias, tecnologias e a cultura material seja interiorizada nos diferentes grupos humanos. Vale ressaltar que cada cultura é um sistema único. Entender a lógica de um sistema cultural depende da compreensão das categorias constituídas pelo mesmo. Não existe cultura superior ou inferior, desenvolvida ou subdesenvolvida, melhor ou pior (LARAIA, 2001ⁱⁱⁱ apud OLIVEIRA, 2011, p. 60).

Desse modo, podemos considerar como fundamental compreender as diferenças existentes entre os povos e suas culturas distintas, sua maneira de relacionar-se com a natureza, sua organização, modo de produção e economia. É nessa relação entre a cultura e o meio material que o indivíduo é socializado, produzindo sua identidade cultural (OLIVEIRA, 2011).

No entanto, a cultura tradicional (caiçara) vem sofrendo impactos e influências direta e indiretamente de fatores e atores internos e externos, decorrentes dos processos da modernidade e globalização, entre outros, colocando assim em jogo a alteridade dos povos tradicionais (caiçara).

O modo de vida do caiçara caracteriza-se pelas atividades agrícolas itinerantes, prática da pesca e extrativismo vegetal e confecção artesanal, com contato em maior ou menor grau com os meios urbanizados. Uma cultura expressada por práticas cognitivas, visões de mundo e valores, produtos materiais e imateriais (linguagem, oralidade, reciprocidade, religião, dança e musicalidade) simbólicos orientadores compartilhados pelos indivíduos em suas relações com o meio ambiente e demais membros da sociedade (DIEGUES, 2004).

Desse modo, a cultura caiçara é rica de peculiaridades, fruto da miscigenação entre europeus, negros e índios. Nela podemos identificar uma série de práticas culturais como a pesca, agricultura, o artesanato, a reciprocidade, a religiosidade, a linguagem, a música, a dança e a sua forte relação com a natureza bem como seu tipo de moradia, embarcação e instrumento de trabalho.

Portanto, fazer essa análise histórico-social da Ilha dos Valadares requer relacionar de forma distinta, todos os elementos e fatores do modo de vida da área a qual esta sendo feita a pesquisa.

4.1 A resistência da tradição da pesca artesanal e a luta pela sobrevivência

Na Ilha ainda resiste um grupo de pescadores artesanais que sobrevivem da pesca com muita dificuldade, devido à escassez de frutos do mar e leis ambientais que restringem o uso dos recursos naturais. Contudo, o pescador ainda mantém sua residência próxima ao mar na área costeira da Ilha, pois podemos observar casas, comércios e ranchos particulares, ocupando quase toda a área costeira.

Eu pesco desde pequeno aprendi com meu pai que também não soube fazer outra coisa na vida, mais hoje tá difícil, meu filho mesmo nunca se interessou de aprender a pescar e cresceu comigo vendo eu pescar, a fazer rede, lidar no barco, concertar motor, mas nunca quis saber por que via que a vida não era fácil, a gente tem que sai de madrugada às vezes, fica dias fora, tem vez que a gente tem uma boa pesca, da pra tirar um dinheirinho, mais tem vez que a gente não pega nada aí fica difícil por que a gente conta com o peixe, com a natureza pra sobreviver, antes ainda tinha bastante peixe, hoje cada vez mais pouco. (M1, 66 anos, “Filho da Ilha”).

A narrativa acima expressa às dificuldades pelas quais eles passam para sobreviver e manter a renda econômica através da prática da pesca. O mesmo ainda expressa o desinteresse dos filhos pela pesca e relata que hoje seus filhos trabalham no comércio da cidade de Paranaguá e que agora está ensinando seu neto a pescar, fazer rede etc, e tem levado o ele em algumas de suas pescarias, poia afirma que que o menino leva jeito e gosta de acompanhar o avô.

O mar sempre desempenhou um papel real e simbólico para Ilha, mas com o passar do tempo as transformações urbanas associado a modernização

dos hábitos da população levou ao desinteresse das gerações mais jovens que se sentem atraídas pelas novas oportunidades, principalmente ligadas ao comércio e as atividades portuárias.

Temos na ilha uma precariedade do espaço destinado a venda do peixe e mariscos. Em conversa com os pescadores, muitos reclamaram da falta de iniciativa por parte dos gestores na melhoria do espaço.

Desde quando foi construído isso daqui, ninguém mais apareceu para fazer nenhuma manutenção, só vem os políticos aqui na época de campanha, promete que vão fazer isso, aquilo, e a gente fica aí esperando, porque também a gente não pode fazer nada, porque é proibido, tem pescador que nem fica aqui, vende o peixe ali na cabeceira da ponte mesmo, porque é até perigoso descer aqui para comprar peixe, gente de idade que gosta de peixe nem desce, compra do pessoal lá em cima. (M9, 65 anos, Maciel)

Em visita ao local observamos a falta de estrutura, não há freezer para o armazenamento dos frutos do mar, os pescadores tem que comprar todos os dias gelo para manter a conservação dos peixes e a escada de ferro que fica na lateral da passarela, que dá acesso ao mercado, encontra-se danifica pela maresia.

Na Ilha dos Valadares a pesca artesanal ainda é expressiva [...] O sistema de pesca na baía de Paranaguá é caracterizado pelo fundeiro de deriva, além da pesca de espinhel, envolvendo vários tipos de cercos e a adoção de laços e da tarrafinha considerado. (FELISBINO; ABRAHÃO, 2016).

Continua o autor:

A prática da pesca artesanal é influenciada por muitos fatores e no caso da Ilha dos Valadares a legislação é muito importante. Além da legislação pesqueira que se aplica a todos os pescadores, existem aquelas que se relacionam as Unidade de Conservação do Litoral do Paraná. O uso dos recursos florestais está sob muita restrição, impedindo práticas que eram tradicionais na pesca, como a utilização de madeiras florestais e de mangue para construção de embarcações, casas, utensílios, apetrechos e mesmo combustível. O manguezal que é recurso muito acessível ao pescador do Valadares é completamente proibido. (FELISBINO; ABRAHÃO, 2016).

A prática da pesca artesanal vem sofrendo muitas (re)pressões de ONGs, que possuem concepções preservacionistas e também de leis ambientais que

desconsideram as práticas e saberes tradicionais dessas comunidades.

5 Embarcações, violas e rabeça

Meu pai vivia da roça tinha plantação de palmito, também pescava fazia cada coisa um pouco, naquele tempo tinha muito palmito para gente tirar a gente sobrevivia disso hoje em dia não pode mais nada... eu aprendi muita coisa com meu pai ele fazia de tudo um pouco, aprendi com ele a fazer barco, viola, o velho era bom, desde pequenininho ficava do lado olhando o que ele fazia, hoje por causa dele é que eu sei fazer essas coisas que eu faço o que cair na minha mão eu faço, já fiz uma porção de barco pro pessoal aí. (M8, 65 anos, Salto do Morato).

Seu José, mais conhecido como Zeca, ainda continua a sobreviver do trabalho artesanal e das apresentações do Fandango, não fábrica mais embarcações grandes como antigamente, mas confecciona miniaturas de embarcação, violas e rabeças; mantém em sua casa uma mini oficina rústica para confeccionar seu artesanato.

Essa cultura de construção de embarcações ainda resiste via alguns moradores como seu Waldir Korsanke, que aprendeu o ofício com seu pai. No entanto, o mesmo relata que não consegue sobreviver da construção de embarcações e divide seu tempo entre ela e o serviço portuário. Permanece fazendo porque gosta e sente prazer no que faz, mas devido ao custo da madeira, poucas pessoas tem condições de comprar.

A maioria das embarcações que transportam os Ilhéus da Baía de Paranaguá a outras ilhas é construída pelo morador da Ilha, que sente o maior orgulho em dizer que foi ele que fez. Sabemos que as embarcações representam mais que um simples objeto, são elementos presentes na história do litoral e está vinculada ao modo de vida dos pescadores, ou melhor, ao modo de vida caíçara que possui outros símbolos importantes como é o caso da farinha ou mesmo a religiosidade.

5.1 A tradição do fandango e a busca do fortalecimento e permanência da tradição

Todo o ano, no mês de fevereiro, acontece na Ilha dos Valadares à festa da Nossa Senhora dos

Navegantes. Ela recebe vários fiéis, inclusive de outras Ilhas próximas. Principalmente no dia que acontece a procissão marítima várias embarcações são enfeitadas para acompanhá-la.

Eu sempre acompanho a procissão pra agradecer a proteção de Nossa Senhora dos Navegantes, porque a gente vive da pesca e é muito perigoso o mar, tem vezes que a gente pega cada tormenta que a gente pensa que vai morrer então a gente pede proteção pra nossa senhora, e hoje então a gente vem agradecer a proteção dela para ela tá sempre olhando pela gente e pela família da gente e amigos que também pegam o mar. (M1, 66 anos, “Filho da Ilha”).

Na narrativa acima podemos identificar a importância da religiosidade na vida desta comunidade e o valor simbólico que representa. Esses atores entendem a fé como algo necessário, pois os auxiliam a acreditar na esperança perante situações de sofrimento, a fé na força superior é entendida como uma manifestação enfrentamentos dos problemas.

Outro elemento de extrema importância é o Fandango

Quando eu vim da minha terra,
Muita menina chorou.
Também eu chorei um pouco,
Por uma que lá ficou. (CONSENTINO, 1982,
p.25).

Este verso faz parte da dança de roda chamada Tonta e assim como ela existem várias outras danças com diferentes “batidas”, o sapateado é feito exclusivamente com o uso de um tamanco pelos homens, as mulheres não “batem” o fandango.

O fandango chegou ao litoral com os primeiros colonos açorianos, passou a ser “batido” durante o percurso do carnaval e só terminava nas últimas horas de quarta-feira de cinzas.

A tradição cultural envolve uma intrínseca relação entre produção e a festa, deu os contornos do perfil cultural nos processos de ocupação do litoral do Paraná. No entanto, o que podemos perceber, ainda hoje, na configuração espacial, são elementos desse processo constituinte. (FELISBINO; ABRAHÃO, 2016, p. 34)

Na Ilha é possível apreciar a roda de fandango em diversas localidades e embora seus mestres e tocadores estejam com idade avançada, ainda persistem em cultivar a tradição. Temos quatro grupos de fandangos: o do mestre Brasília Ferres;

Pés de Ouro, do mestre Nemésio Costa; o Grupo do Mestre Romão e Mandicuera, do mestre Aorélio Domingues.

Quando sobra algum tempinho fico fazendo apresentação de fandango, eu aprendi a tocar com meu pai meu pai, que fazia a viola e tocava, eu faço um pouco de instrumento, às vezes as pessoas me chama pra trabalho de pedreiro da eu vou né, porque tem pessoa que não quer que o fandango acabe, mais se o mestre acabar o fandango acaba né, o mestre não tem recurso pra ir para outro lado, daí é obrigado a trabalhar de pedreiro porque viver só de fandango o pessoal não vive, eu não recebo nenhuma ajuda, só recebo quando tô na aula lá, ainda bem que sei fazer essa coisa para sobreviver... eu participo de todos os grupos, eu sou o único que ensino e dou aula... eu já dei essa opinião de formar um grupo só, a gente senta ali no mercado lá pelas dez horas e sai lá pelas três... antigamente o fandango era só nas casas, começara as 10 hora da noite e terminava só de manhã, não tinha som nem nada só um lampiãozinho. (M8, 65 anos, Salto do Morato).

Depois de muito tempo, os grupos de fandango do Paraná e São Paulo conquistaram, por meio do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), o título de Patrimônio Cultural Imaterial brasileiro, que reconhece o Fandango Caiçara como Patrimônio Cultural do Brasil (29 de novembro de 2012).

5.2 A paixão que virou união e o futebol

Eu sou da Ilha, não vou negar
Abre alas que eu quero passar
Fazendo da avenida meu salão
Vem sambar no cordão da Ilha (Julio Cezar Mariano, 2012).

A estrofe acima faz parte da composição do samba enredo da Ilha dos Valadares. Quem tem oportunidade de conhecer e conviver na comunidade observa que o povo da Ilha caracteriza-se por ser alegre e carrega consigo muitos valores simbólicos acumulado em seu modo de vida e tradições que vão passando de geração a geração, como vimos no fandango e na pesca.

O gosto pela festa carnavalesca não é diferente, desde a fundação da escola de samba União da Ilha. Segundo os entrevistados, o carnaval era um momento muito esperado, assim como seus bailes carnavalescos nos clubes Itiberê, Vila Bela e 7 de

Setembro e a maioria dos moradores participavam da festa, com seus blocos de sujos, geralmente fazendo crítica ao poder público. Hoje, 2017, apenas o clube 7 de Setembro mantém a tradição dos bailes de carnaval.

A escola de samba União da Ilha surgiu dessa paixão pelo carnaval, anteriormente à escola, existiam blocos carnavalescos como o bloco carijó, o Vai Quem Quer, Engraçadinhos e a escola de Samba Valadares. Desses grupos surgiu a União da Ilha em 1988.

A gente gosta de brincadeira né, é bom de vez enquanto, antigamente quando tinha desfile a turma ia em peso, a ilha ficava quase vazia, agora não mais porque alguns... viraram crentes, e também agora é muita violência, antes não, a gente ia com a família pra brincar, as músicas eram boa... eu me lembro que a escola sempre tirava em segundo lugar, porque não tinha carro, como que ia atravessar com carro? não tinha condição, a gente fazia uma fantasia bonita, tinha uma bateria boa, tinha bastante participante, mais não apresentava carro alegórico igual às outras escolas, só depois que a prefeitura fez um barracão que a gente pode fazer nossos carros. (M12, 66 anos, “Filho da Ilha”)^{iv}.

Para Da Matta (1990)^v, mencionado por Delgado (2012), o carnaval é um momento onde os pobres podem se organizar para tornar-se “nobre” e ao mesmo tempo o carnaval contém uma essência igualitária. A escola de samba União da Ilha acumula cinco títulos de campeã. Durante as conversas nota-se o esforço de seus participantes para apresentar um belo desfile, essa é uma maneira que os caiçaras encontraram para dizer, nós existimos.

Na mesma lógica, o futebol na Ilha dos Valadares faz parte da cultura que acompanha gerações. Segundo relatos, era costume das famílias acompanharem os campeonatos de futebol realizados, principalmente na Ilha dos Valadares. No passado existiam três clubes de futebol: Vila Bela, Itiberê e 7 de Setembro. Clube esses que participavam de campeonatos na Ilha dos Valadares com Agremiações da cidade de Paranaguá, como o Linense, Monte Alegre, Guanabara, Paranaguá e outros.

Os jogos geralmente eram disputados aos domingos, nos campos do 7 de Setembro, Vila Bela e Itiberê, acompanhado de uma torcida organizada

pela famílias ao redor dos campos, havia rivalidade entre as equipes, principalmente quando as agremiações locais jogavam entre si. A rivalidade entre as agremiações locais diminuiu, o campo da Vila Bela que ficava na parte central da Ilha foi desapropriado para a construção da segunda escola estadual Cidália Rebelo Gomes, ou seja, a agremiação da Vila Bela ficou sem seu campo de futebol.

Durante nossa ida a campo, foi possível observar o grande número de pessoas participando de campeonatos de futebol. Fato interessante que nos chama atenção é a participação de políticos (geralmente candidatos) que frequentam os eventos de futebol, contribuindo com doações. Neste caso a “política” é apresentada como parte de um circuito de trocas e possibilidades de acesso a recursos.

6 Considerações Finais

Compreender a realidade dinâmica e complexa de um determinado lugar através da configuração social não é uma tarefa fácil. O estudo realizado visou compreender a realidade dinâmica da Ilha dos Valadares através da configuração social e por isso buscamos identificar permanências e continuidades das características destes sujeitos, aqui denominados de caiçaras.

Nos deparamos com vários obstáculos no decorrer desta pesquisa, mas que nos abrem possibilidades para estudos futuros. É o caso da necessidade de realizarmos um levantamento mais aprofundado sobre as origens dos sujeitos que hoje moram em Valadares. De início, e que foi constatado neste estudo, podemos falar da sua ligação com os sítios, mas ao mesmo tempo seria pertinente entendermos que sítios são estes e como era a vida nestes espaços. Como não conseguiríamos dar conta disso, focamos a análise no “filhos da ilha” e em seus modos de vida que se manifestam em práticas de trabalho, na ocupação dos espaços da ilha, seja por moradias ou usos como o cultivo alimentos ou mesmo a criação de animais ou aspectos da cultura que se verificam no futebol, no carnaval etc.

Outra situação é exatamente sobre o que permanece de um período inicial de ocupação.

Falamos de danças, do futebol e da religião, mas evidenciamos que tudo isso foi influenciado pela dinâmica da alta modernidade. Por isso nosso esforço em mostramos os impactos disso na identidade caiçara. Uma das conclusões que chegamos é que a cultura caiçara permanece, ou melhor, resiste. É bem verdade que o processo ininterrupto de urbanização e proximidade com o urbano trouxeram consequências como, por exemplo a entrada de muitos moradores sem uma história associada ao mar, mas também levou muitos com esta história para trabalharem em atividade como a portuária.

Dito isso, a proposta que executamos aqui foi a de mostrar como é que se constitui uma trama de relações sociais e que nesta pesquisa traduzimos pelo conceito de figuração ou configuração social, enfim, um conceito que nos permite olharmos para as características constitutivas de uma comunidade. O próximo passo é mergulharmos mais a fundo na história dos sujeitos entrevistados e esclarecermos com maior densidade teórica as conexões e características da ilha.

Referências

- BRUSTOLIN, E. A. **A quantas margens da cidade: cultura e política nas relações entre a Ilha de Valadares e a cidade de Paranaguá** – PR. 46 f. Monografia (Bacharelado em Ciências Sociais) – Departamento de Antropologia, Setor de Ciências Humanas, Letras e artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2013.
- CONSENTINO, A. **Ilha dos Valadares**. Curitiba: Imprensa, Universitária do UCP, 1982.
- DELGADO, A. K. C. O carnaval como elemento identitário e atrativo turístico: análise do projeto folia de rua em João Pessoa (PB). **Cultur**, ano 6, n. 4, p. 37-55, out. 2012.
- DIEGUES, A. C. **Enciclopédia caiçara**. São Paulo: Hucitec, Nupaub/CEC, 2004. v. 1.
- ELIAS, N. **Escritos & Ensaios 1**: Estado, processo, opinião pública. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.
- ELIAS, N.; SCOTSON, J. L. **Os Estabelecidos e os Outsiders**: Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- FELISBINO, J. N.; ABRAHÃO, C. M. S. **Ilha dos Valadares**: história, cultura e meio ambiente.

Curitiba: Ed do Autor, 2016.

FELISBINO, J. N.; ABRAHAO, C. M. S. Qualidade socioambiental e dinâmica populacional em periferias urbanas: estudos de caso realizado na Ilha dos Valadares Paranaguá-Paraná. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDO POPULACIONAL, 18., 2012, Águas de Lindóia. **Anais...** Águas de Lindóia – ABEP, 2012.

GIDDENS, A. **Modernidade e Identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

HALL, S. A **identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Lamparina 2014.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Brasil em síntese 1980-2010**. 2010. Disponível em: <<https://brasilemsintese.ibge.gov.br/populacao/populacao-total-1980-2010.html>>

MARCÍLIO, M. L. **Caiçara, terra e população: Estudo de Demografia Histórica e da História Social de Ubatuba**. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2006.

OLIVEIRA, B. C. F.; ADRIANO, A. P. P.; SCUCUGLIA, K. C. Análise espaço-temporal de dinâmica de ocupação antrópica em áreas de manguezal na ilha dos Valadares. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GESTÃO AMBIENTAL, 5., 2014, Belo horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: IBEAS – Centro Universitário Metodista Izabela Hendrix, 2014. Disponível em: <<http://www.ibeas.org.br/congresso/Trabalhos2014/XI-055.pdf>>

OLIVEIRA, M. S. L. **Os espinhos, as flores e os frutos do mandacaru: as transformações na configuração social de uma comunidade rural camponesa a partir das intervenções de atores internos e externos**. 2011. 242 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Setor de Humanidades, Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2011.

ⁱ Ela é o ponto de encontro de todos os moradores desta comunidade e ao sentarmos nela pela manhã, por volta das 8:00 horas, já observamos uma quantidade de moradores mais idosos sentados nos bancos para conversarem, ler jornais ou escutar rádio; alguns chegam a pé outros de bicicleta e nota-se que a maioria que frequenta a praça pela manhã são homens. Durante o período da tarde a praça é frequentada por crianças, adolescentes e mulheres idosas, no período da noite a praça é frequentada por adolescentes e adultos jovens de ambos os sexos.

ⁱⁱ Os índios carijós tiveram grande importância para o Paraná e ao serem capturados do Estado durante as bandeiras paulistas no século XVI, foram feitos escravos e levados em grande número para trabalhar nos engenhos da Vila de São Vicente e do nordeste brasileiro. Os que permaneceram foram utilizados no trabalho de retirada do ouro ou acabaram fugindo na medida em que o branco se aproximou, partindo para Goiás. (BRUSTOLIN, 2013, p. 40).

ⁱⁱⁱ LARAIA, R. B. **Cultura: um conceito antropológico**. 14. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

^{iv} Na cultura brasileira o carnaval é muito mais do que um simples festejo, ou um feriado, constitui uma das peças que compõem a identidade brasileira, sendo esta entendida com tudo aquilo que nos diferencia dos estrangeiros. A necessidade de estabelecer uma identidade é inerente ao ser humano, um mecanismo de auto-afirmação que é contraditório, já que é composto mutuamente pela diferença e pela semelhança, somos diferentes dos outros, mas somos iguais aos que compõem a “nossa comunidade”. É através da diferença com relação ao outro que a ideia de unidade se constrói. Assim o carnaval constitui um elemento de diferenciação com relação ao outro servindo como uma marca do “ser

brasileira”, a imagem de um povo alegre, descontraído e sensual [...]. (DELGADO 2012).

^v DAMATTA, R. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. 5. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1990.